MOTRICIDADE LIVRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA RESPEITOSA E AUTÔNOMA

TATIANI DE LIMA

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a motricidade livre como um eixo fundamental para práticas pedagógicas que promovam uma educação infantil mais respeitosa e centrada na autonomia da criança. Com base em referenciais teóricos como Emmi Pikler e Henri Wallon, discute-se como o respeito ao movimento espontâneo da criança contribui para seu desenvolvimento integral — físico, emocional, cognitivo e social. O presente trabalho também apresentou como fundamentação teórica os documentos oficiais norteadores da Educação Infantil e Básica, o Currículo da Cidade (2019), os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998) e a Base Nacional Comum Curricular (2017). Outros autores que embasaram essa pesquisa foram: Filho (2010) que aborda a visão da motricidade livre pela escola ao longo do tempo e de que forma a mesma contribui para o processo de aprendizagem; Iza e Mello (2009) que trazem grandes contribuições em seus estudos sobre o papel do educador no que se refere à propiciar o respeito à autonomia e movimento livre na Educação Infantil; Almeida (2023) que reflete sobre quais as propostas podem ser desenvolvidas em sala de aula, pensando na autonomia e motricidade livre dos pequenos. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, aponta que ambientes preparados, aliados à escuta sensível e à atuação mediadora do educador, são elementos essenciais para uma prática que valorize a liberdade de movimento. Conclui-se que ainda há muito o que entender sobre a motricidade livre na escola, desmistificando o conceito de que movimentos naturais e espontâneos da criança “atrapalham” em seu desenvolvimento cognitivo e motor, percebendo-a como parte fundamental do processo de aprendizagem. Respeitar a criança em suas singularidades, escolhas, interesses e necessidades, reforça a segurança emocional dos pequenos, contribuindo assim para uma educação autônoma e respeitosa. A motricidade livre é um caminho potente para a construção de relações educativas mais humanizadas, em que a criança é reconhecida como protagonista do próprio aprendizado.

Palavras-chave: Motricidade Livre; Educação Infantil; Autonomia; Respeito; Desenvolvimento Integral.

INTRODUÇÃO

O movimento é uma linguagem essencial da infância e, por meio dele, a criança se relaciona com o mundo, com os outros e consigo mesma. No contexto da educação infantil, a motricidade livre surge como uma abordagem que propõe o respeito ao tempo e às capacidades individuais da criança, promovendo um desenvolvimento mais autêntico, autônomo e saudável.

Diferente das práticas que impõem padrões motores e etapas a serem alcançadas em tempos predefinidos, a motricidade livre considera que a criança, quando inserida em um ambiente seguro e acolhedor, é capaz de conduzir seu próprio processo de aprendizagem corporal.

Sabemos que a pedagogia tradicional não valorizava a motricidade livre como parte do processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, por acreditar que a manifestação natural desses movimentos, vinham a “atrapalhar” de certo modo, a atenção e concentração dos indivíduos, dificultando a sua aprendizagem.

Atualmente, o que se entende por motricidade livre é o movimento natural e espontâneo do bebê e da criança, onde se faz necessário o respeito ao seu ritmo desde os primeiros anos de vida. Assim, a pesquisa pretende refletir, por meio de uma revisão literária, sobre a prática da motricidade livre na educação infantil e sua influência na formação de crianças mais autônomas, seguras e criativas.

No primeiro item, abordaremos sobre o conceito de motricidade livre e sua importância para a Educação Infantil, trazendo a opinião e estudo de diversos autores a respeito do tema. Na sequência, discorreremos sobre práticas que podem ser adotadas pelos educadores, a fim de se pautar em uma edu-

cação respeitosa, contribuindo assim para a autonomia e movimento livre da criança desde muito pequenas.
Ao final, traremos as reflexões, discussões e conclusões a respeito do que foi levantado durante a revisão literária, refletindo sobre os fundamentos e as implicações pedagógicas da motricidade livre na educação infantil, compreendendo-a como um caminho para práticas mais respeitosas, dialógicas e mutuamente transformadoras entre educadores e crianças.

2.1. MOTRICIDADE LIVRE E SUA IMPORTÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Motricidade livre é a ideia de que a criança deve ter liberdade para se movimentar e explorar o corpo no seu próprio tempo, sem que o adulto force, apresse ou controle os movimentos dela. "O movimento é um excelente meio de traduzir o mundo interior da criança" (WALLON, 1975 apud ALMEIDA, 2023, p. 21). De acordo com Filho (2002, p. 31 apud FILHO, 2010) a motricidade é:

> Forma concreta de relação do ser humano com o mundo e com seus semelhantes, relação esta caracterizada por intencionalidade e significado, fruto de um processo evolutivo, cuja especificidade encontra-se nos processos semióticos da consciência, os quais, por sua vez, decorrem das relações recíprocas entre natureza e cultura – portanto, entre as heranças biológica e sócio-histórica. A motricidade refere-se, portanto, a sensações conscientes do ser humano em movimento intencional e significativo no espaço-tempo objetivo e representado, envolvendo percepção, memória, projeção, afetividade, emoção, raciocínio. Evidencia-se em diferentes formas de expressão – gestual, verbal, cênica, plástica, etc.. A motricidade configura-se como processo, cuja constituição envolve a construção do movimento intencional a partir do reflexo, da reação mediada por representações a partir da reação imediata, das ações planejadas a partir das simples respostas a estímulos externos, da criação de novas formas de interação a partir da reprodução de padrões aprendidos, da ação contextualizada na história – portanto, relacionada ao passado vivido e ao futuro projetado – a partir da ação limitada às contingências presentes. Esse processo ocorre, de forma dialética, nos planos filogenético e ontogenético, expressando e compondo a totalidade das múltiplas e complexas determinações da contínua construção do homem. (KOLYNIAK FILHO, 2002, p. 31, apud FILHO, 2010).

A motricidade livre dos bebês, proposta pela abordagem Pikler, permite a eles o desenvolvimento de uma consciência e uma postura corporal autônoma, garantindo movimentos harmônicos e seguros. A motricidade como consequência da atividade livre e motivada pelo interesse das crianças é, por sua vez, estimulada por um ambiente rico de oportunidades de interação, seja entre crianças e objetos, crianças e crianças, ou crianças e adultos. (MALKO, RODRIGUES, 2022).
O desenvolvimento de uma pessoa se faz por suas interações com o ambiente em que vive. O ser humano vive um processo formativo que, gradativamente, ensina a interagir com o mundo ao redor, como um bebê recém-nascido aprende a alcançar objetos, então engatinha e explora o ambiente ao seu redor até que seja capaz de se sustentar e andar, e, posteriormente, aprende a falar, pular, brincar e assim por diante. (ALMEIDA, 2021, p. 25).
Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998, p. 21) definem que o movimento para a criança pequena significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço. A criança se expressa e se comunica por meio dos gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o apoio do corpo. A dimensão corporal integra-se ao conjunto da atividade da criança. O ato motor faz-se presente em suas funções expressiva, instrumental ou de sustentação às posturas e aos gestos.
O documento também aborda sobre a relevância de se considerar o movimento livre como uma manifestação natural da criança, não como dispersão ou desordem. "Compreender o caráter lúdico e expressivo das manifestações da motricidade infantil poderá ajudar o professor a organizar melhor a sua prática, levando em conta as necessidades das crianças" (BRASIL, 1998, p. 19).
Filho (2010) menciona que a pedagogia tra-

dicional considera a motricidade como uma visão "dualista" do ser humano, nesse caso, corpo e mente. Assim, a escola tradicional tende a separar o trabalho escolar da seguinte forma: as atividades que envolvem a mente e dominam a motricidade, restringindo drasticamente a movimentação dos alunos (trabalho dentro da sala de aula) e as atividades motoras a serem realizadas na educação física escolar, propostas feitas fora da sala de aula, em espaços mais amplos, destinado justamente para isso, trazendo a ideia de que os exercícios físicos tem a função de disciplinar, colocar o corpo "sob controle".

Os documentos oficiais que norteiam a educação, como os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998, p. 17) também abordam a questão de "suprimir" os movimentos das crianças, trazendo a falsa sensação de equilíbrio e harmonia, onde a permanente exigência de contenção de corpos baseia-se na ideia de que as manifestações de movimentos corporais das crianças atrapalham a aprendizagem. Encontramos no próprio documento, a seguinte afirmação: "é a impossibilidade de mover-se ou de gesticular que pode dificultar o pensamento e a manutenção da atenção".

De acordo com o Currículo da Cidade para a Educação Infantil (2019, p. 102) não é saudável que a criança fique sentada por longos períodos e nem apenas observando. O corpo ativo que anda, corre, pula, sobe e desce, escorrega, pega e solta, puxa e empurra, experimenta texturas, pesos, tamanhos, cores, formas e funções dos objetos e se conhece nesse processo de exploração do mundo é garantia de saúde para bebês e crianças.

Segundo Iza e Mello (2009, p. 290) direcionar os movimentos das crianças, tentando aperfeiçoá-los, pode ser um trabalho perdido, por tais movimentos não terem sentidos para elas, que vão executá-los mecanicamente e, assim, dificilmente serão apreendidos. Ao contrário, o aspecto lúdico e a contextualização das atividades são fundamentais para que a criança lhes atribua algum sentido.

A partir do momento em que se considera o ser humano como totalidade complexa, na qual não é possível dissociar corpo e mente, cognição, afetividade e motricidade, passa-se a criar uma nova configuração da relação entre motricidade e aprendizagem, na escola, baseia-se em duas vertentes: 1) a contribuição escolar na construção da motricidade e 2) as implicações da construção da motricidade para as experiências e os processos de aprendizagem escolar em geral. (FILHO, 2010).

A autora cita que a primeira vertente mencionada refere-se ao modo pelo qual a escola, por meio de seu projeto e de seu fazer pedagógicos, oportuniza experiências de aprendizagem que possibilitem que os alunos:

• Dominem a própria motricidade, situando seu corpo no espaço-tempo, no sentido de que sejam capazes de articular seus movimentos para atingirem seus objetivos, com eficiência e economia de esforço; isso significa propiciar aos alunos a realização de uma grande variedade de movimentos (andar, correr, saltar, jogar capoeira, futebol, basquetebol, dançar, etc.), que resultem também em uma melhoria de suas capacidades gerais de movimento (força, resistência, flexibilidade, coordenação motora, etc.).
• Apropriem-se de um conjunto de conceitos que lhes permitam uma compreensão abrangente e crítica da motricidade humana em geral e da sua motricidade individual; tais conceitos incluem aspectos biológicos (fisiologia, cinesiologia, anatomia, etc.) e psicossociais (elementos culturais, influências político-econômicas nas manifestações motrícias) da motricidade.
• Discutam as relações humanas pelas óticas ética e estética, tendo como referência a interação concreta entre os homens e destes com a natureza, interação esta que envolve o corpo e a motricidade; nesta perspectiva, por exemplo, todas as atitudes dos alunos em jogos (colaboração, solidariedade, violência, desrespeito) devem ser discutidas pelo seu sentido ético, assim como se deve chamar a atenção para a beleza dos movimentos individuais e grupais, não só para os resultados.
• Construam valores como respeito mútuo, solidariedade, aceitação das diferenças e busca de desenvolvimento coletivo. (FILHO, 2010).

A construção da motricidade é indissociável de processos de aprendizagem. Por um lado,

a passagem da motilidade biológica (atributo de todos os animais e até de alguns vegetais) à motricidade (formação sócio-histórica tipicamente humana) pressupõe a aprendizagem de diversas habilidades motoras (com seus respectivos significados sociais e sentidos pessoais), com ou sem a mediação de um agente cultural (pais, irmãos, amigos, professores, livros, imagens no cinema e na televisão, etc.). Assim sendo, pode-se afirmar que a motricidade é produzida por processos de aprendizagem. (FILHO, 2010).
Quanto menor a criança, mais ela precisa de adultos que interpretem o significado de seus movimentos e expressões, auxiliando-a na satisfação de suas necessidades. À medida que a criança cresce, o desenvolvimento de novas capacidades possibilita que ela atue de maneira cada vez mais independente sobre o mundo à sua volta, ganhando maior autonomia em relação aos adultos. (BRASIL, 1998, p. 21).

a atividade autônoma é uma necessidade, desde a mais tenra idade. Descobrir o mundo a partir da própria curiosidade, da própria vontade de compreender e até de experimentar constitui o centro da vida cotidiana de um bebê. A motricidade livre oferece os meios para isso. (FEDER, 2006, p. 35 apud KELLETER, CARVALHO, 2019, p. 9).

Ao falarmos sobre movimento livre na Educação Infantil, passamos a pensar também na importância de organização do espaço de modo a garantir que bebês e crianças pequenas se movimentem livremente, conheçam e explorem seu próprio corpo e ambiente ao redor de maneira segura e instigante.
Nesse sentido, Borges e Magalhães (2023, p. 470) afirmam que o espaço da instituição necessita proporcionar acolhimento ao bebê e à criança pequena. Eles precisam se sentir seguros, suficientemente para serem capazes de explorar o ambiente desconhecido de forma autônoma. Não somente transformar o espaço em um lugar não perigoso, mas sim um ambiente onde a criança possa se sentir convidada a participar da brincadeira, dos diferentes momentos propostos, e por isso o adulto deve garantir essa estrutura cheia de possibilidades e experimentações.
O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana. As crianças se movimentam desde que nascem, adquirindo cada vez maior controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo. Engatinham, caminham, manuseiam objetos, correm, saltam, brincam sozinhas ou em grupo, com objetos ou brinquedos, experimentando sempre novas maneiras de utilizar seu corpo e seu movimento. Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. (BRASIL, 1988, p. 15).

Cabe ao educador proporcionar à criança grande variedade de atividades, de modo que ela possa vivenciar diferentes situações, com materiais diversos, espaços diferenciados, etc., mas é importante salientar que não basta apenas a diversidade das atividades, dos materiais ou dos espaços, é essencial que a qualidade das relações entre crianças e adultos seja harmoniosa. (IZA, MELLO, 2009, p. 289).
A educação psicomotora dará à criança a base motora para que ela possa aprimorar seus movimentos de acordo com as fases de sua vida, pois ela terá controle sobre seu corpo. Cabe ressaltar que as atividades propostas devem estar de acordo com a fase de desenvolvimento de cada criança. (ALMEIDA, 2023, p. 20).
No campo de experiência “Corpo, gestos e movimentos” da Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 41), o documento orienta que:

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam--se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se,

progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física. Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. Assim, a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (tais como sentar com apoio, rastejar, engatinhar, escorregar, caminhar apoiando-se em berços, mesas e cordas, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas, alongar-se etc.)

No desenvolvimento de atividades de Movimento para crianças de 0 a 6 anos, deve-se levar em consideração que elas são seres inteiros, não podem se limitar apenas a padrões motores preestabelecidos. Ao considerar apenas o aspecto motor, o desenvolvimento da criança pode ser limitado. O trabalho com atividades de Movimento pode ser ampliado de maneira a não desconsiderar o aspecto motor, mas também não se restringir a ele. (IZA, MELLO, 2009, p. 289).

Almeida (2023, p. 20) diz que para se trabalhar a motricidade, é indispensável à ludicidade e a brincadeira, pois nesta fase a criança aprende, cria, se expressa, se socializa, enfim se desenvolve por meio do lúdico. Sendo assim, o professor pode usar esse instrumento como base em suas aulas, tornando-as muito mais dinâmicas e prazerosas. Para a autora, o professor de Educação Infantil tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento integral da criança e deve sempre proporcionar atividades às crianças visando à educação psicomotora.

De acordo com Richter (2006, p. 36) a criança precisa explorar os movimentos como forma de se comunicar, conhecer ideias, emoções, sentimentos, de modo a expressar-se. Desse modo, é preciso ampliar as possibilidades expressivas do movimento nas diversas formas de interação da criança, seja em brincadeiras, danças ou teatro. “As manifestações de gestos e movimentos vinculados à cultura com que a criança convive também devem ser realçadas no espaço de Educação Infantil”. (RICHTER, 2006, p. 36).

Para Iza e Mello (2009, p. 290) as atividades de Movimento podem desenvolver as habilidades de lateralidade, equilíbrio, noções de espaço e tempo, dentro e fora, esquema corporal, tônus muscular, enfim, uma infinidade delas que podem ser exploradas de inúmeras formas, abordando aspectos como alto/baixo, espaço e tempo, ritmo, forte e fraco, lento e rápido, entre outros. Em atividades como brincadeiras, jogos, danças, dramatizações e, ainda, por meio de diversos materiais, tais como: cordas, arcos, bolas, pneus, etc.

Dentro dos objetivos do campo de experiência “corpo, gestos e movimentos” da BNCC, encontramos as seguintes orientações no que se refere às experiências de movimentos:

- Bebês (zero a 1 ano e 6 meses): movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos; experimentar possibilidades corporais nas brincadeiras e interações; imitar gestos e movimentos de outras crianças, adultos e animais; participar do cuidado do corpo e da promoção do bem estar; fazer movimentos de preensão, encaixe e lançamento, ampliando possibilidades de manuseio;
- Crianças bem pequenas (1 e 7 meses a 3 anos e 11 meses): Apropria-se de gestos e movimentos de sua cultura nos jogos e brincadeiras; deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora, etc; explorar formas de deslocamento no espaço, como pular, saltar, dançar; demonstrar independência no cuidado de si, de maneira autônoma; desenvolver habilidades manuais, desenvolvendo controle como pintar,

colar, rasgar, desenhar, entre outros;

• Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses): criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções; demonstrar controle no uso de seu corpo durante jogos e brincadeiras, atividades artísticas, entre outras; criar movimentos, olhares, mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas; desenvolver hábitos de higiene, alimentação, conforto e aparência; coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.

Diante das orientações supracitadas, vemos o quanto é importante a livre manifestação de movimentos enquanto processo de desenvolvimento integral da criança, discordando da ideia de que a contenção de corpos e atividades motoras sejam a melhor escolha para manter a atenção e concentração. Apesar dos benefícios, muitos ambientes escolares ainda limitam o movimento das crianças com excesso de intervenções e regras rígidas. Além disso, a falta de formação adequada dos educadores pode comprometer a aplicação efetiva da motricidade livre.

A motricidade livre é uma estratégia pedagógica essencial para o desenvolvimento integral da criança na educação infantil. Permitir que a criança explore suas capacidades físicas de forma autônoma favorece a construção de uma autoestima positiva, habilidades motoras sólidas e relações sociais mais saudáveis. Faz-se necessário investir na formação continuada dos profissionais da educação infantil e na adequação dos espaços físicos para promover uma educação respeitosa e centrada na criança.

2.2. PRÁTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO AUTÔNOMA E RESPEITOSA PENSANDO NA MOTRICIDADE LIVRE

Considerando tudo o que foi abordado no item acima, sobre a relevância de se respeitar a motricidade livre de bebês e crianças na Educação Infantil, neste item exploraremos as práticas necessárias para uma educação com autonomia e que ocorre de maneira respeitosa nesses espaços.

Sabemos que o respeito à motricidade livre é um princípio pedagógico que reconhece a criança como protagonista do seu próprio desenvolvimento motor. Ele parte da ideia de que cada criança tem um ritmo individual e deve ser livre para explorar seu corpo e seus movimentos sem interferências ou imposições por parte do adulto.

Uma educação autônoma e respeitosa na infância valoriza a criança como sujeito ativo no próprio desenvolvimento, respeitando seus tempos, escolhas e individualidade. Desde que nascem as crianças se movimentam e, aos poucos, vão adquirindo controle sobre o seu corpo. Esse movimento não significa apenas deslocamentos, possibilitando a expressão de sentimento e da formação humana. Em cada momento de sua vida há uma progressão da motricidade sendo importante a estimulação motora, o respeito à criança, ao seu desenvolvimento. Não podemos esquecer dos movimentos naturais e da individualidade de cada uma. (ALMEIDA, 2023, p. 24).

O primeiro passo para a educação respeitosa e autônoma é a escuta ativa de bebês e crianças. Ouvi-los e respeitá-los em seus interesses, escolhas e necessidades, torna o espaço educativo prazeroso e enriquecido de respeito, levando bebês e crianças a desenvolverem uma segurança afetiva com os educadores, contribuindo assim para o seu desenvolvimento. “O trabalho com as crianças exige do professor uma escuta e atenção real às suas falas, aos seus movimentos, gestos e demais ações expressivas” (BRASIL, 1998, p. 137).

Nas palavras de Kelleter (2020, p. 241) a liberdade de movimentos assume um papel fundamental no desenvolvimento dos bebês, pois os bebês constroem suas representações experimentando, tocando os objetos, deslocando-os pelos espaços, e, para isso, eles precisam desse respeito aos tempos de desenvolvimento dos bebês para que, através de sua motricidade, construam sua autonomia.

Para Almeida (2023, p. 81) para uma educação autônoma e de respeito, é importante repensar o papel do professor como facilitador e mediador do aprendizado, criando um ambiente de diálogo e respeito mútuo. Essas estratégias visam romper com a lógica de controle e submissão da escola disciplinar, promovendo uma educação mais emancipatória, que valorize a diversidade e

as singularidades de cada aluno.

Aprender a observar e a escutar os bebês e as crianças é o desafio da(o) professora (or) que compreende a educação como um processo no qual as demandas de bebês e crianças, seus interesses e suas necessidades geram processos coletivos de ampliação e aprofundamento das experiências corporais, sociais, culturais e científicas. Viver coletivamente na UE propicia para as infâncias a expansão de seus territórios, possibilitando a percepção de outros modos de viver, pensar, agir, relacionar-se, isto é, ensina a ver do ponto de vista do outro. A função de uma cidade educadora é possibilitar que os bebês e as crianças possam ultrapassar os muros das UEs e ampliar os seus repertórios de vida social, de espaços culturais, de relações com a cidade. É direito dos bebês e das crianças poder se deslocar e aprender com a vida comunitária, ampliando seu território. (SÃO PAULO, 2019, p. 73,74).

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998) trazem vários exemplos de educação respeitosa, como a escuta ativa, o respeito às preferências e necessidades das crianças, até mesmo na alimentação, ter seus sentimentos e interesses validados pelas pessoas ao seu redor, colabora para que a criança se sinta confiante e dessa forma, se torne cada vez mais autônoma e independente.

As rodas de conversa, combinados e regras de boa convivência em grupo contribuem para que as crianças entendam o conceito de respeito de si e do outro, de maneira lúdica, com cuidado e proteção com sua segurança e a dos seus colegas. (BRASIL, 1998, p. 47).

Outro aspecto relevante da educação respeitosa e autônoma é a livre escolha por parte das crianças sobre quais espaços e materiais querem explorar, quais brinquedos ou brincadeiras desejam participar, de maneira a saber que há um adulto que acredita e confia em suas potencialidades.

Fazendo uma articulação com a motricidade livre, o currículo da cidade reforça que "é importante assegurar a possibilidade de as crianças entrarem e saírem autonomamente do prédio, porque isso potencializa as conexões, relações e interações que elas estabelecem entre os diferentes espaços e cenários." (SÃO PAULO, 2019, p. 97). Assim, entendemos que o espaço a ser preparado pelo educador para acolher as diferentes singularidades infantis, também faz parte do respeito em promover a motricidade livre e autonomia na educação infantil.

A construção da segurança afetiva inicia-se com o entendimento de que cada criança é um ser único, singular, cujo desenvolvimento depende da qualidade da relação que se estabelece com os materiais, objetos e adultos de seu entorno. Nesse sentido o respeito à criança é fundamental encarando-a como uma pessoa com características, necessidades e expectativas próprias. (FREITAS, PELIZON, p. 2).

Respeitar a motricidade livre é confiar que a criança é capaz de aprender com o próprio corpo, no próprio tempo e a partir da própria curiosidade. Isso fortalece o desenvolvimento físico, emocional e intelectual de forma integrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motricidade livre, mais do que uma abordagem pedagógica, configura-se como uma filosofia de cuidado e respeito à infância. Ao reconhecer a criança como sujeito de direitos, competente e capaz de construir seu próprio desenvolvimento, abre-se espaço para uma prática educativa centrada na autonomia, na escuta ativa e na valorização dos processos individuais.

Promover o movimento livre na educação infantil não significa ausência de limites ou orientação, mas sim uma atuação consciente e sensível por parte do educador, que observa, acolhe e oferece ambientes que convidam à descoberta sem impor padrões. Essa prática favorece não apenas o desenvolvimento motor, mas também aspectos emocionais, sociais e cognitivos fundamentais para a formação integral da criança.

O objetivo central dessa pesquisa era trazer, por meio de uma revisão literária, a importância da motricidade livre na Educação Infantil, pensando no desenvolvimento da criança como um todo, desde os primeiros anos de vida.

A pesquisa evidenciou que, embora se acreditasse inicialmente que os movimentos es-

pontâneos atrapalhassem de certo modo, a aprendizagem e a concentração da criança, o que se entende hoje é que justamente o contrário, a contenção motora de corpos e espaços leva à perda da concentração e traz sérios prejuízos ao desenvolvimento integral da criança.

Ao propiciar espaços e materialidades em que bebês e crianças possam explorar livremente o ambiente, ter cuidado de si e do outro de maneira autônoma, o educador demonstra total respeito pela sua autonomia e desenvolvimento. Dar voz aos pequenos, respeitar suas escolhas e interesses, permitir que participem ativamente do processo de escolha de brincadeiras, jogos, brinquedos e materialidades que querem explorar e conhecer, contribui de maneira significativa para que se sintam acolhidos e seguros emocionalmente, e dessa forma possam irromper em sua autonomia e motricidade livre.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.C.S. A motricidade e aprendizagem na Educação Infantil: contribuições à prática pedagógica. 2023. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Paulo, 2023.

BORGES, D.F. MAGALHÃES, C. A abordagem Pikler no Brasil e suas contribuições para a prática pedagógica na Educação Infantil. Educação em Análise, v. 8, n. 2, p. 465-482, 2023. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/48457/49721. Acesso em 29 de abril de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v.

FILHO, C.K. Motricidade e aprendizagem: algumas implicações para a educação escolar. Construção Psicopedagógica, v. 18, n. 17, São Paulo, 2010. Disponível em: https://pepsic. bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542010000200005&script=sci_arttext. Acesso em 28 de abril de 2025.

FREITAS, A.V. PELIZON, M.H. As contribuições da experiência de Lóczy para a formação do professor de Educação Infantil. Território Escola, CENPEC, 2010. Disponível em: https://cdn.novaconcursos.com.br/arquivos-digitais/erratas/14962/19273/contribuicoes-da-experiencia-de-loczy.pdf. Acesso em 29 de abril de 2025.

IZA, D.F.V. MELLO, M.A. Quietas e caladas: as atividades de movimento com as crianças na Educação Infantil. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 283-302, ago. 2009. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/v25n02/v25n02a13.pdf. Acesso em 29 de abril de 2025.

KELLETER, R.F. O desenvolvimento da autonomia dos bebês a partir do movimento livre: diálogos com a abordagem Pikler. 2020. 376f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

_____. CARVALHO, R.S. Contribuições da abordagem Pikler para se pensar a inclusão na creche: notas sobre a formação de professores de Educação Infantil. Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, n. 1111, abr. 2019. Disponível em: https:// lume. ufrgs. br/ bitstream/ handle/ 10183/ 195686/ 001093550. pdf?sequence= 1&isAllowed=y. Acesso em 29 de abril de 2025.

MALKO, T. RODRIGUES, Y.L.I. Educação de zero a três anos: contribuições de Emmi Pikler. Cadernos Acadêmicos Unina, v. 2, n. 2, 2022. Disponível em: https:// revista. unina.edu. br/ index.php/cau/article/view/149/134. Acesso em 28 de abril de 2025.

RICHTER, L.M. Movimento corporal da criança na Educação Infantil: expressão, comunicação e interação. 2006. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Cidade: Educação Infantil. São Paulo: SME, 2019.